



5106 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Intelectuais negros(as) da APNB e do Neab AFROUNEB: produções e trajetórias antirracistas  
Luiz Gustavo Santos da Silva - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

### **Intelectuais negros(as) da APNB e do Neab AFROUNEB: produções e trajetórias antirracistas**

**Resumo:** Abordagem preliminar da pesquisa, Intelectuais negros(as) da APNB e do Neab AFROUNEB: produções e trajetórias antirracistas, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPED, na Linha de Pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais, teço reflexões a partir do surgimento destas associações considerando-as espaços ativos, lugares de encontros e redes articuladas produtoras de microrresistências que deslocam fronteiras de dominação. Espaços onde intelectuais negros(as) articulam táticas (Certeau, 2008, p. 97) e disputas no campo da memória e da produção do conhecimento em territorialidades específicas.

**Palavras-chave:** produção intelectual negra; formação de professores(as); conhecimentos contra-hegemônicos; dialogia; antirracismos.

### **INTRODUÇÃO**

Neste pôster trago uma abordagem preliminar da pesquisa “Intelectuais negros(as) da APNB e do Neab AFROUNEB: produções e trajetórias antirracistas”. Teço algumas reflexões sobre o surgimento das duas associações, considerando as suas possíveis contribuições para o campo temático da Educação das Relações Étnico-Raciais na Formação Inicial e Continuada de Professores(as).

A Associação de Pesquisadores Negros da Bahia – APNB, seção baiana da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) [1], foi fundada em 06 de novembro de 2004. É resultado da trajetória histórica traçada por pesquisadores negros na Bahia e no Brasil, nos diversos espaços institucionais de pesquisa e nos Movimentos Negros de forma geral.

Os Neab's são núcleos compostos de pesquisadores e pesquisadoras, na sua maioria negra, que tematizam a diversidade étnico-racial e realizam ações de ensino, pesquisa e extensão voltados para a mesma.

Esses espaços, enquanto lugares praticados, cruzamentos de móveis, são locais que tecem redes de solidariedade, compromissos e construções de conhecimentos ligados às temáticas sobre as populações negras no Brasil, África e Diáspora. Firmam-se enquanto campos onde são construídas táticas de resistência coletivas (Certeau, 2008, p. 98), referências epistemológicas e políticas na luta antirracista.

Destaco a importância desta pesquisa, pois, há pouca repercussão dessa produção acadêmica na sociedade civil e, particularmente, na Educação Básica,

percebe-se, por exemplo, o significativo crescimento das produções acadêmicas sobre o negro, o aumento de espaços para tais discussões como: NEABs, ABPN, GT 21 da Anped, a criação de cursos e de linhas de pesquisa sobre a questão negra nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, mas o acesso e a disseminação dos conhecimentos produzidos por estes ainda são muito restritos, o que compromete a apropriação de tais conhecimentos de parte da população. (Oliveira, 2010, p. 217).

Estas associações são atravessadas por memórias, afetos, linguagens, performances que ao mesmo tempo inventam experiências de espaço no cotidiano, onde grupos subalternizados, com suas mil maneiras de “caça não autorizada”, “táticas de resistência” vão alterando objetos e códigos. (Certeau, 2008, p. 100)

### **PRODUÇÃO INTELECTUAL NEGRA: ARTES DE FAZER**

Privilegio o diálogo com autores(as) que, de alguma forma, abordam temas que reverberam na produção de conhecimentos contra-hegemônicos. Conhecimentos que percorrem “subterrâneos”, produzidos por sujeitos praticantes que se insurgem a partir de um conjunto desnivelado de relações de poder, encontrando sentidos nas artes de fazer.

Seguindo as pistas certeunianas, são essas práticas cotidianas do tipo táticas, maneiras de fazer destes(as) intelectuais negros(as) que produzem pequenas fissuras nos discursos, artes de dar golpes, astúcias de caçadores buscando contar a sua própria história, reconfigurando memórias, construindo hegemonias alternativas no campo educacional brasileiro.

Esta reflexão evidencia a atividade de “fazer com”, ou seja, os movimentos astuciosos das práticas e suas maneiras de utilizar os produtos impostos por um lugar de poder, inventando o possível, ocupando um espaço de movimentação onde possa surgir uma liberdade.

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. (Certeau, 2008, p. 40)

Nesse contexto, essas produções expressam-se a partir de uma geração de intelectuais negros(as) nas universidades brasileiras que articula a militância política e a produção do conhecimento sobre a realidade étnico-racial fundamentada em sua própria vivência racial. (Oliveira, 2016, p. 108) O termo intelectual negro(a), faz referência a uma presença estética, fenotipicamente minorizada dentro da academia, ou mesmo fora dela, que compõe o universo da produção intelectual no país. (Macêdo, 2013, p. 26)

Estes intelectuais organizam e criam associações científicas, a exemplo dos Neab's, produzindo conhecimentos com o objetivo de dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sociorraciais e suas vivências. Em suma, atentos às falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário, vão à caça. (Certeau, 2008, p. 101)

Sabe-se que a introdução da Lei 10.639/2003 tem gerado alguns impactos na constituição e no fortalecimento dos NEAB's. Isso aponta, diretamente, para a necessidade em discutir e reconhecer a história do povo negro, o papel imprescindível que ela desempenha em ações e projetos antirracistas, de valorização da participação das populações negras na educação e no desencadeamento de uma desejada reconfiguração da nossa memória.

Essa reconfiguração torna-se necessária, a todo o momento, quando tais teorias eurocêntricas impõem a única forma de conhecimento válido, constituindo-se num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação racial pela negação que empreende a legitimidade das formas de conhecimento, produzidos pelas populações negras e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento.

## **CARTOGRAFANDO A PRODUÇÃO DA ABPN E DOS NEABS**

Valendo-me dos debates e reflexões surgidos durante o curso de doutorado, me aproximarei, em um primeiro momento, a partir da pesquisa cartográfica, da produção escrita, inserida no campo temático em discussão, tomando como espaço empírico os trabalhos apresentados nos anais dos COPENES Bahia (2004/2019), além das imagens, fotos, documentos sonoros, entrevistas com estes(as) mesmos(as) intelectuais, seguindo as pistas, vestígios e resíduos deixados por essa produção/material.

A pesquisa cartográfica enquanto metodologia ativadora da criatividade como liberdade, entendendo que cartografar é acompanhar processos e que a intenção do cartógrafo não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar.

Seguindo as pistas que o exercício cartográfico apontar, me aproximarei dos artigos produzidos pela Associação Baiana de Pesquisadores(as) Negros(as) e pelo AFROUNEB, tomando como espaço empírico as pesquisas apresentadas nos anais dos COPENES.

A abrangência temporal do levantamento sobre essa produção levará em consideração o período que vai desde a fundação da APNB, em 2004, até o último, realizado no ano de 2017, na cidade de Porto Seguro, Bahia. Tentando compreender o alcance dessas produções na efetivação de uma educação antirracista, principalmente a partir de discussões tecidas no Grupo de Pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais, ProPED / UERJ, diálogos ricamente polifônicos e essenciais para "alinhar" a pesquisa em curso, os estudos de Bakhtin, em especial o conceito de dialogia (Bakhtin, 1997, p. 413) tem sido importantes.

Estas produções são atravessadas por uma polifonia que os constitui, nos fazendo perceber as múltiplas vozes, desconstruindo a ilusão de unidade que se apresenta nos enunciados. Assim, as potencialidades dos aspectos dialógicos e polifônicos aqui propostos possibilitarão antever, além de pontos de encontro, algumas tensões. Lançando mão destas perspectivas, busco garantir

um posicionamento político-epistemológico bastante diverso do que o institucionalizado pela ciência moderna, de uma forma geral, e pela educação escolar formal, de uma forma mais específica, possibilitando, conseqüentemente, um diálogo com saberes fazeres histórica e socialmente invisibilizados. (Júnior; Júnior; Passos, 2012, p. 6)

Entendendo que métodos como análise de conteúdo e análise do discurso são compatíveis com o método da cartografia, desde que não levem a um congelamento dos dados ou ocasionem a perda da dimensão de transformação do processo que está sendo investigado (Barros; Kastrup, 2009, p. 69) consideramos a análise textual discursiva importante abordagem que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa (conteúdo e discurso). (Moraes; Galiuzzi, 2006, p. 118) Esta privilegiará as condições que proporcionam a organização e construção de novos entendimentos, observando a multiplicidade de sentidos expressos pelos autores e autoras, através da leitura dos seus textos.

Além das fontes escritas das associações, concentrarei esforços também na produção de registro audiovisual, fotográfico, imagens, documentos sonoros, entrevistas com intelectuais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entendendo que o método em uma pesquisa é como uma paisagem que muda a cada momento e de forma alguma é estático, muda a cada minuto, vou buscando as pistas deixadas pelo exame cartográfico por meio de seu caráter performativo. O que interessa são as mudanças provocadas, catalisando instantes de passagem, colocando o "pé no caminho" dos acontecimentos, não só acompanhando processos como também neles intervindo, praticando o exercício constante da caça, mesmo não autorizada.

**NOTAS**

[i] A Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN se constituiu no I Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as) - I COPENE, realizado no ano de 2000 nas dependências da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Disponível em: <https://www.abpn.org.br/> Acessado em: 2 de setembro de 2017.

**REFERÊNCIAS**

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2015.

207 p. Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf>. Acessado em: 15 de junho de 2018.

CERTEAU, Michel de. Artes de fazer. *A invenção do cotidiano* / Michel de Certeau; 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JÚNIOR, Luiz Rufino Rodrigues, JÚNIOR, José Carlos Teixeira, PASSOS, Mailsa Carla Pinto. Ambientes Polifônicos: Notas sobre as práticas musicais afrodiaspóricas e o cotidiano escolar. *XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas* - 2012. Disponível em: <http://www.infoteca.inf.br/endipec/acervo/listar/todos/8> Acessado em 2 de setembro de 2017.

MACEDO, Marluce de Lima. Intelectuais Negros, Memória e Diálogos para uma Educação Antirracista: uma leitura de Abdias do Nascimento e Edison Carneiro. Tese (Doutorado), Salvador, BA, 2013.

MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação* (Bauru), vol. 12, nº. 1, abril, 2006, p. 117-128. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132006000100009&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132006000100009&script=sci_abstract&lng=pt) Acessado em 4 de julho de 2017.

OLIVEIRA, Iolanda de. Negros e educação no Brasil: uma entrevista com o coração de uma militante acadêmica. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 28, nº 1, jan./jun. 2010p. 213 - 224.